

## A escola segundo Sebastião Salgado

---

Sebastião Salgado andou pelo mundo a fotografar escolas para, conjuntamente, com Cristovam Buarque nos oferecer uma belíssima obra que a representação da UNESCO no Brasil publicou. Chamaram-lhe, apenas, o «Berço da Desigualdade». São setenta e três fotografias, de Salgado, e outros tantos brevíssimos textos, de Buarque, que nos mostram como ?a escola aprisiona os que estão fora? mas, também, como há neste mundo ? crianças que aprendem números para contar o que não têm?.

Uma sala decadente, no Huambo, com meninos sentados em latas lendo um texto no quadro sob o olhar atento de uma professora é o pretexto para que se pergunte. ?Que futuro se encaixará em uma escola improvisada??. Antes, é a fotografia de um terreiro onde se vêem dezenas de crianças amontoadas à volta de um professor que nos obriga a confrontar com uma questão: ?Apesar de tudo, isto é uma escola. Que futuro a humanidade está construindo a partir dela??

Há fotografias que, tal como aquela que foi produzida a partir de uma sala de aula no Afeganistão, se vê um professor a socorrer-se de uma gravura para falar dos cuidados a ter com bombas e outros artefactos bélicos. Será que ?o caminho das escolas é um mapa de minas??

?O berço da desigualdade está na desigualdade do berço? é a frase que interpela a fotografia de uma menina, num saguão pobre da Baía, a escrever sobre uma mesa, debaixo da qual se vêem dois bebês, serenamente, a dormir. Há uma outra foto, do Paraguai, onde desfocada no fundo da sala surge a palavra «Ciências». Bem nítidas, duas meninas descalças empenham-se compenetradas na escrita de um outro texto. Pretexto para que Cristovam constate: ?Ciência e pés descalços: resumo do mundo moderno?.

Contudo, nem um nem outro dos autores descrevem da Escola. Uma criança angolana, de cadernos e lápis na mão, é a fotografia que o permite comprovar. Uma fotografia que foi construída no meio do ?horror de uma guerra?, onde ?a escola surge como esperança?. A mesma ?esperança nas letras? de um outro texto que descreve a fotografia de outros dois meninos, na Guatemala, observando e trabalhando sobre um quadro silábico, ?olhos atentos?, apesar das ?calças rasgadas, pés descalços, piso de terra, parede sem reboco?.

O livro de Salgado e de Buarque nada tem de pós-moderno, mesmo que possa duvidar da Escola e interrogar-se acerca das suas finalidades e dos discursos que se produzem por causa dela, acerca dela e a pretexto dela. Dúvidas, interrogações e discursos que, afinal, se tornam necessários para afirmar que não são as escolas em si que lhes interessam como fonte de esperança e de dignidade humanas, mas tudo o que nelas se faz para que essa esperança e essa dignidade sejam possíveis. Como o professor da fotografia que no Luena é capaz de despertar toda aquela atenção por parte das crianças que com ele trabalham ou como a professora queniana que, por demonstrar a ?sua dignidade e amor pelos alunos?, inspira Cristovam a afirmar que ?melhor uma criança em pé na escola, do que sentada na calçada?.

Pode a escola educar ?sem cortar as asas do sonho?? Certamente que pode se, parafraseando C. Buarque, o lápis for a espada e o caderno for o escudo daquele menino afegão que num campo de refugiados entra determinado pelos nossos corações adentro. Pode, também, se a fonte de criatividade que a criança é ? Cristovam é quem mais uma vez o afirma, conseguir ser ?liberada pela escola?. Pode, finalmente, se se conseguir que a escola seja ? alegre aos olhos de seus alunos?. Apesar de tudo, pode, mesmo que se saiba perante os pés sem sapatos ou as salas sem cadeiras que, afinal, ?a civilização só globaliza o que lhe dá lucro?.

O que fazer ?

É o próprio «Berço da Desigualdade» que nos empurra para a resposta. Uma resposta que passa por abordar a discussão sobre a relação entre educação escolar e desenvolvimento humano como um problema político que deverá afectar obrigatoriamente tanto a nossa militância em prol de um mundo mais justo e solidário, como, e também por via disso, as nossas discussões sobre o papel das escolas, o modo como pensamos o acto de ensinar e de aprender, o protagonismo dos alunos e dos professores ou a importância do património cultural como instrumento necessário à construção e afirmação da inteligência e da dignidade humana.